

YE CHUN E O CONTO “MILK”: UMA PROPOSTA DE TRADUÇÃO

Rayne Karla de Lima¹

Ye Chun / 叶春 autora e tradutora literária bilíngue chinesa-americana, nasceu em Luoyang, China, e se mudou para os Estados Unidos, em 1999. Desde então, publicou livros como o de poesia *Lantern Puzzle* (2015), o romance chinês 海上的桃树 (*Peach Tree in the Sea*) (2011), e a coletânea de contos *Hao: Stories* (2021), além de ser responsável por diversas traduções. A autora já recebeu vários prêmios por sua escrita, entre eles, o *Pushcart Prize*. No livro *Hao* estão os três contos vencedores do prêmio: “Milk”, “A drawer” e o que dá título ao livro.

Os contos da coletânea abordam mães chinesas e chinesas-americanas e os problemas que enfrentam com a língua, racismo e sexismo. A autora, inédita no Brasil, no conto “Milk”, traz sob quatro perspectivas uma mesma cena. O conto tem como foco central, a vida de uma mulher, mãe, que juntamente com seu filho sai do interior e vai para a cidade à procura do marido para avisá-lo sobre sua má sorte e que a família passaria por dificuldades.

Sem qualquer tipo de renda, a mulher busca outros meios para ter dinheiro para conseguir se alimentar, assim, faz com que seu filho, criança de cinco ou seis anos, venda rosas nas ruas; em uma dessas ocasiões, a criança recebe a negativa de um homem que acaba agredindo-a. Em forma de acalento, a mãe amamenta a criança, ação que causa reações diversas nas pessoas ao seu redor, desencadeando o desenvolvimento do conto. Aqui, encontramos a dualidade: para a mãe, há a esperança de que consiga amamentar por mais tempo, para os que assistem à cena, choque e desprezo.

Um dos espectadores que mais se chocou com essa cena foi um homem que retornava para sua casa e, de tão abismado, tira uma foto. O homem ao postar a imagem na internet critica o fato de uma criança tão grande ainda estar mamando. Por fim, temos a reação sobre o episódio da amamentação, uma mãe lactante, que por estar sofrendo com os efeitos da amamentação, como cansaço, mastites e peitos rachados, reflete ao ver a cena da mãe amamentando uma criança tão grande, enquanto ela tenta interromper a amamentação de seu filho bebê.

No exercício da tradução, não ocorreram tantos problemas como eu esperava, apenas alguns pela falta de conhecimento da área, como “*breast pads*”; senti dificuldade em expressões da língua inglesa como: “*give and take*” que ao longo do conto aparece duas vezes, por

¹ Graduanda em Letras – Bacharelado em Português e Inglês (Estudos da Tradução).

exemplo. A primeira no original era “*enjoy this little pleasure of giving and taking*” que foi resolvido como ‘aproveitar a troca entre eles’ e “*They were locked in the cycle of give and take*” e que também ganhou a mesma ideia de troca em ‘Estavam presos em um ciclo de troca.’ Além disso, tive dificuldades com o termo usado pelas crianças, o “*Mimi*”, pois não encontrava tantas ocorrências da palavra e quando encontrava era de diversos significados, como gatinhos ou poderia ser um meme. Em primeiro momento foi estabelecido que ficaria como no conto original, em revisões posteriores houve a sugestão de deixar como ‘Mama’ para que trouxesse a ambiguidade em que a criança poderia estar pedindo o peito ou chamando a mãe; em pesquisas recentes foi encontrado o uso de *mimi* como uma gíria para seio.

A relação da nossa sociedade com o ideal de mãe é a mãe perfeita que serve os filhos e é devota ao marido em tudo, e, como reforça Esther Vivas em *Mamãe desobediente*, “sempre põe os interesses dos filhos e filhas antes dos próprios, pois ela supostamente não os tem.” (2021, p. 19), entretanto isso não é a realidade ou desejo para a maioria das mulheres. A maternidade dissidente traz uma nova representação de maternidade no qual a mulher trata de assuntos “não-normativos” como a depressão pós-parto, maternidade solo, a negação em contribuir com a ideia de que uma gravidez e toda maternidade é perfeita. No conto de Ye Chun, traduzido por mim, isso fica claro através da amamentação. Seja pela mãe que amamenta o filho em público e lida com os olhares repreensores ou pela mãe que apenas queria ter o seu corpo de volta. “Leite” nos faz refletir sobre o papel da mulher, em especial, a mulher que é mãe e o porquê a amamentação ainda é um assunto polêmico ao falarmos sobre as escolhas de uma mulher.

MILK

The boy follows the man, eyes on his pants, and mumbles, “Sir, please buy a rose, buy a rose for your girlfriend.” The man’s legs move faster; the boy grabs one of them, wraps his skinny arms and legs around it and presses his small buttocks on the man’s leather shoe and says the words again to the leg.

The spring afternoon has gone sultry, the air recalling the texture of rotten fruit. The man is on his way to a sales meeting. He did not meet his sales quota, and, before the child approached him, had been rehearsing his explanations in his head. He tries to shake his leg free, but the child tightens his grip. People circle past them: a few giggle; a few gape to see how he reacts. His face flushes. He bends down and snatches the child’s wrists and tosses him away from his leg. The child looks up at his face for the first time, shocked, as though he has just realized that he was not merely dealing with a leg, but an unpredictable man several times his size. He must also have sensed what’s coming: the man kicks him, the shoe landing on his small rib cage. The child flips over on the pavement, groans, curls into a ball, and cries, “Mama, Mama—”

A woman runs toward them on the pavement, yelling in some rural dialect the man can't quite understand. But judging by her tone, he is sure she's calling him names or cursing him in the worst possible way. She kneels down by the child, picks him up, and clasps him to her chest. The child's cry turns into wail; he looks as heartbroken as any other wailing child, though the pathetic rose is still clutched in his hand. The woman strokes his ribs. Sallow-faced, ill-dressed, she must have been lurking somewhere by the roadside, blending right in with other urban poor the man has stopped paying attention to.

People gather around them, gawking like their eyes have finally found a free feast. The man's head buzzes, his face grows hot. "Are you his mother?" he shouts down at the woman. "What kind of mother lets her child pester people on the street?"

Then he turns, quickly, not wanting to hear one single word from the woman. He walks away as fast and steady as his body can manage, controlling the impulse to run, and slows down only after he is sure the woman's gaze no longer reaches him. Then he breathes and it feels like the first real breath he has taken since he bent down to grab the child—his wrist thin like a chicken's neck. The man has never felt comfortable watching vendors wring chicken necks in the market. He will grimace and avert his eyes. I'm not a bad person, he imagines saying to the woman whose face still seems to hover right in front of him, its misery and rage so sharp that it reduces the dusty street, dusty plastic-looking palm trees, dusty pedestrians with their idiotic stares to nothing but a stage setting. I'm not a bad person. He imagines the woman's face softening and him taking a ten-yuan bill from his wallet and stuffing it in the child's grimy hand. Then, like an uncle, he will hold the child up and make faces at him till he laughs.

But he knows that's not what he will do. He will keep walking and rehearse his explanations for the failure to meet the sales quota and pray he keeps his job. That is all he can do and will do. He takes another breath. As the air infused with humidity, dust, and exhaust fills his lungs, the city distorts—its skyscrapers, shops, multi-lane streets, vehicles losing their edges and density, fattening with the incessant despairs and high hopes steaming out of people's heads. All around him the city is swelling, and his feet are hardly touching the ground. He has become a splinter the city is about to push out of its inflated flesh.

•

The woman carries the crying child to the side of the pavement, under a palm tree. The child murmurs, "Mimi, mimi." The woman sighs, lifting her blouse, and the child presses his mouth to her breast. People gawk and shake their heads. She lowers her eyes and sees their shoes—tennis shoes, leather shoes, canvas shoes, high-heels, sandals, flats—nice shoes that know where their feet are taking them. She shields the child's face with a hand: it's better he doesn't see any of these shoes, better still he forgets where they are. The blind fortune-teller told her that this was a hard time for them, but things would get better in three years. "Luck star will then shine above your son's head." The man raised his opaque eyes. She paid him five yuan

and that was all she got—a promise of a turn of fortune in three years. Can she keep her milk flow that long? She felt foolish. She needed the five yuan for food, not a fortune that would not turn until three years from now. But still, three years is better than five or ten, or no luck at all.

She came to the city to look for her husband, whom she has not heard a word from since he left after the Spring Festival. She called the construction company he worked for; they said they hadn't seen him since he'd left for home before the festival. She went to the village fortune-teller, giving him her husband's year, month, date, and hour of birth and, as payment, a bucket of frogs her son had helped her catch. The old man flipped the brittle pages of his yellow book, wrote down four columns of words with ink and brush, squinted his eyes at a brittle page again, and shook his head: "His longevity star is clouded this year. I see possible falling, a tall building, and serious or fatal injury." She held her breath. "A building in the south," he added, "in the city where he builds those tall buildings."

The woman took her son to the city. She found the construction company. They told her the same thing they had said on the phone. She told them what the fortune-teller had told her. They asked her to go talk to other construction companies. There are tons of them in the city, they told her, and her husband could be working for any of them now. She and her son wandered around the city, looking up at scaffoldings to see whether he was there. It was hard to tell. They all looked alike from down here—a helmet, a little torso, a pair of doll arms and legs. She waited with her son on the roadside for them to come down. She asked them about her husband. They shook their heads or mentioned another company or building under construction for her to check. At night, she and her son slept behind park bushes or under viaducts. She didn't want to go back to her village until she found her husband and warned him of his ill fortune ahead. She would make sure he went home with them, where there are no tall buildings and the inevitability of falling.

She had no money left so she begged. She tried to tell people her story, but they walked away. "They think we're fake," an old beggar woman from the same province told her. "They don't care about us, but some still pity children. Have your son sell flowers. That may still work." So she picked a less-bruised rose from a flower shop's trashcan and had her son sell it like other children on the street—except that people don't pity children either.

She has kept her milk flow for a time like this, a time that she always knew would come. The child's shoulders stop shuddering. His fingers loosen around the rose that lies by his feet like congealed blood. She looks up at the scaffolding across the street and the small figures of construction workers printed on the sky. Any of them can be her husband or could have been her husband. One dizzying misstep up there will be a step into the nothing down below, and if that happens, you won't even see his body.

She wishes she had a place to go, a private place where she could lie down with her son, close her eyes, enjoy this little pleasure of giving and taking, this little numbing sensation that

is slowly spreading over her body. Any time now she's going to close her eyes. The shoes, legs, and wheels around them will disappear. She and her son will turn into some gossamer matter, hide somewhere in the air, until things get better for them.

•

A man is walking in this direction. He sees the mother and son on the side of the pavement under a palm tree. He takes out his smartphone from his messenger bag, pauses in front of them for a second, and snaps a shot. The woman doesn't even notice, her eyes drooped, her half-exposed breast coarse-skinned and sallow-colored like her complexion. The boy is obviously too big for this: he looks like he has tried his best to curl himself in her arms, but most of his legs still spill onto the pavement. Only the utter unselfconsciousness of his closed-eye suckling resembles that of a baby.

The man goes back to his apartment and makes instant noodles and sits down in front of his computer. He has recently started a blog called Critical Eye, a title he's having second thoughts about and considering changing into something less literal. He posts social commentaries, often in the form of snapshots he takes with his smartphone on the street. Though his blog has not gotten much traffic, he has noticed a quickening of his senses as he goes about his daily life. He is no longer a passive passerby, his life no longer a fuzzy parade of routines and a job that organizes his hours into rest, work, wants, and small gratifications.

Now he freezes moments he finds provocative, forms opinions, and makes them visible to anyone surfing his way. Sometimes, sitting in his cubicle or walking home from work, he feels he is simultaneously inhabiting the city and roaming a space ungoverned by gravity, where he's just about as free as one can be. But when he posts his blog entries, his photos and words gone public, he cannot help but feel an unease, a weak-hearted uncertainty that his posts will be scrutinized and attacked.

After he uploads the photo, he comments: "We are a decade into the 21st century and our country is becoming one of the strongest economic powers in the world, yet, here in our city that we claim to be a world-class metropolis, a woman is nursing a five- or six-year-old on the street as though they were in a remote 19th-century village. Why is this happening?"

He clicks Post and slurps his noodles. He was going to simply write, "This doesn't look good—nursing such a big child in public," but thought it would be too simplistic. He checks some of the blogs and websites he frequents and then checks back to see whether he has gotten any comments. There are none. He surfs more and checks back again. Still none. No response is almost worse than a negative response. He thought this post would provoke: the photo alone should catch attention and his commentary should generate a public debate.

He puts his computer into sleep mode and goes to bed. He dreams of a woman lying so close to him he can feel the buzzing heat and electricity radiating from her body. It's his ex-girlfriend, who by now must have become someone else's wife and maybe even a mother. But

somehow, she has come back to him. Has she kept a key to his apartment? Did she sneak in, tiptoe to his bed, and lie down by him? Gently, she palms his head with one hand and with the other cups her breast to his mouth. His penis swells up, and as her hand slides down him, he sucks on her nipple and milk flows out. The liquid only surprises his tongue for a second before it calls back an ancient euphoria—he feels as if he were soaring into a galaxy of burning stars and becoming part of its radiance and order, fervor and harmony. As he comes, he wakes up. His ex-girlfriend is not with him. He is alone in his small, stuffy room. His computer sits on the desk like a large toad. His dirty clothes litter the floor. The air smells of semen, sweat, and greasy hair. In his mouth he tastes nothing but fetid breath.

But still he remembers the smooth, luscious milk on his tongue and the wondrous feeling of soaring and peace. He closes his eyes and tries to will the true-to-life sensation back into being—his ex-girlfriend’s flesh blended with his, her breast throbbing in front of his face. He opens his mouth, closes his lips around the nipple where the elixir will flow onto his parched tongue.

•

A woman surfing the internet stumbles upon the photo on the man’s blog. She once lived in that city; now she is living abroad. Since she became a mother, she has wished she were there instead of here—if nothing else, she would at least have someone to talk to in her native tongue, another mother raising a child. The boy being nursed in the photo is much bigger than her son, who has finally fallen asleep on her lap. She is weaning him. She has nursed him for eighteen months, has suffered cracked nipples, plugged ducts, and bouts of mastitis. But her son’s demand for her breasts has not dwindled. He wants to nurse before sleep, before nap, after sleep, after nap, during the middle of sleep and nap and during other activities. He grabs her breasts as if they were his. She wants her body back. She craves spicy food and caffeinated tea, wants to wear dresses, not nursing bras and breast pads. She wants her body to be touched by her husband, and when that happens, she doesn’t want her breasts to leak milk.

Her husband is not at home again. Got some work to finish, he said on the phone. When he does come home, he sleeps on the couch in the living room, says he needs his sleep so he can get up and work and support the family. It suited her at the beginning, when she loved to snuggle with her son alone on the big bed, her body willingly letting its white ribbon of milk flow into his mouth, as though his intake was also her intake, her giving so complete it merged into taking. They were locked in the cycle of give and take, forming a circle with no beginning or end to allow another’s entrance. When her husband touched her, she recoiled from the intrusion. When he held the baby, the baby screamed for her. He spends less and less time with them.

When she asks him to change the baby’s diaper, or give him a bath, or take him out for a walk, “because he’s your son too,” he looks vexed. He fumbles the diaper on the baby loosely

and poop leaks out and she has to wash him again. The walks he takes with the baby tend to be short, “because he was screaming the entire time and people thought I kidnapped him.” Once she caught him holding the baby upside down, dangling in front of his legs, big-headed like a frog, with blood pooling in his puffy face, too startled or strained to make a sound. She had just finished her weekly shower and instinctively knew she needed to be gentle. She crouched down to take hold of the baby’s head and eased him into her arms, putting his wronged face to her wet breast. “That’s enough,” she then said to her husband, still suppressing a scream in her throat. “Just leave!”

Maybe it’s all her fault—she pushed him away. And it’s all her fault, too, that the baby is addicted to her milk. Didn’t she give him her breast when she wanted him to go back to sleep so she could sleep longer, give it when she wanted him to take a nap so she could rest, give it again when he was fussy so she could have some peace? She has been weaning him for weeks now, slowly cutting down the sessions, first daytime, then night. Now they’ve come to the last and most trying session—the one he has been depending on to fall asleep at night. Earlier, he battled with her, reaching for her breast, and when pushed away, reaching again. He bawled and whimpered. She stuffed cotton balls in her ears. She rocked and sang and yelled and patted him, until he finally drifted off in exhaustion.

She’s surfing the internet because there is nothing else she can do right now. There is a lot to do—dishes need to be cleaned, toys need to be picked up, soiled clothes need to be washed, but she is afraid if she moves, the child will wake up and want to nurse again. The whole battle will repeat, and she’s too tired for that. And she knows her breasts will be filling up soon. She will need to go to the bathroom sink and squirt the milk out instead of giving it to her son, who wants it so much and can’t understand why his mother is denying him the very thing that she used to offer him so abundantly.

She sees the photo of the countrywoman nursing her big son on the street in the city where she used to live, and heat leaps up her eyes before she knows it. She looks at her baby: his lips open to a zero; his blue-veined eyelids tremble as though there is a storm below. She holds him to her face, crying as silently as she can. But the child wakes up, gazes at her, alarmed. He reaches his little fingers to her cheek, as if to find out through touch what she is actually doing. It must be an expression he hasn’t seen much before, even though he has made it thousands of times in his one and a half years of life. He stares at her. He is about to cry himself, his little face already folding into those familiar creases. She tries to stop herself, wiping her eyes. “I’m okay,” she says to him. “I’m okay.” But she continues to shudder. Her milk is filling up. The child smells it and lifts his mouth to the breast close to it, but he hesitates, examines her face, afraid she will push him away again. Her cry must have something to do with that. He is making the connection. But it’s all too much for him. His sorrowful face lifts to her breast. “Mimi, mimi,” he pleads.

LEITE

O menino segue o homem e, com os olhos fixos à sua calça, sussurra, “Senhor, por favor, compre uma rosa, compre uma rosa para sua namorada.” As pernas do homem caminham mais rápido; o menino agarra uma delas, envolve seus braços finos e pernas ao redor do homem, pressionando sua bundinha contra o sapato de couro e repete as mesmas palavras junto à perna.

A tarde de primavera ficou abafada, o ar lembrando a textura de uma fruta podre. O homem está a caminho de uma reunião de vendas. Ele não atingiu a meta, e, antes da criança se aproximar dele, ensaiava em sua cabeça explicações. Ele tenta chacoalhar a perna, mas a criança reforça o aperto. As pessoas passam por eles: alguns riem, outros olham pasmos para ver a reação do homem. Ele fica vermelho de vergonha. O homem se abaixa e arranca a criança da sua perna pelos pulsos, arremessando-a para longe. A criança encara o homem pela primeira vez, surpresa, como se tivesse acabado de perceber que não estava lidando apenas com uma perna, e sim com um homem imprevisível, do dobro do seu tamanho. Da mesma maneira, ele sentiu o que viria a seguir: o homem o chuta, o sapato atinge o seu pequeno tórax. A criança rola sobre o asfalto, geme, se enrola como uma bola, e chora, “mamãe, mamãe.”

Uma mulher corre em direção ao asfalto, gritando em um dialeto rural que o homem não consegue entender muito bem. Mas julgando pelo tom da voz, ele tem certeza de que ela o está xingando ou o amaldiçoando da pior forma possível. Ela se ajoelha ao lado da criança, pega-a no colo e a segura junto ao peito. O choro se torna um lamento; ela parece estar tão desolada, assim como qualquer outra criança que lamentasse, embora a patética rosa continuasse agarrada à sua mão. A mulher acaricia suas costelas. Rosto inchado, mal-vestida, ela deveria estar se escondendo em algum lugar pela sarjeta, misturando-se com outros pobres aos quais o homem não prestou atenção.

As pessoas se reúnem ao redor deles, com os olhos fixos, como se tivessem finalmente encontrado um banquete grátis. A cabeça do homem lateja, e seu rosto começa a se avermelhar. “Você é a mãe dele?” esbraveja. “Que tipo de mãe deixa sua criança importunar as pessoas na rua?”

Ele se vira, rapidamente, não querendo escutar nenhuma palavra da mulher. Se afasta o mais rápido e firme que seu corpo consegue, se controlando do impulso de correr, e diminui a velocidade somente quando tem certeza de que o olhar da mulher não lhe alcança mais. Então, respira e parece que é a sua primeira respiração desde que se abaixou para pegar a criança – seus pulsos tão finos quanto o pescoço de uma galinha. O homem nunca se sentiu confortável ao ver vendedores torcerem o pescoço de frango na feira. Faz uma careta e evita olhar para a cena. Eu não sou uma pessoa má, ele se imagina dizendo para a mulher cuja feição parece estar ainda bem à sua frente, sua miséria e fúria tão agudas que reduzem a rua empoeirada, as palmeiras com aspecto de plástico empoeirado e os pedestres empoeirados com seus olhares idiotas olhando nada mais que um cenário. Eu não sou uma pessoa má. Ele imagina o rosto

da mulher relaxando e ele pegando uma nota de dez yuans de sua carteira e enfiando na mão encardida da criança. Então, como um tio, ele o seguraria e faria caretas até ele rir.

Mas ele sabe que não é isso que vai fazer. Ele vai continuar andando e ensaiando suas explicações pelo fracasso na meta de vendas e rezando para não perder o emprego. Isso é tudo que pode fazer e que fará. Respira mais uma vez. Com o ar infundido de umidade, poeira e fumaça de escapamento preenchendo seus pulmões, a cidade se distorce – seus arranha-céus, lojas, ruas largas e veículos perdem suas bordas e densidade, engordando com o incessante desespero e enormes esperanças que saem fumegantes das cabeças das pessoas. Ao redor dele, a cidade está inchada e seus pés mal conseguem tocar o chão. Ele se tornou um estilhaço que a cidade está prestes a arrancar de sua carne inchada.

•

A mulher carrega a criança chorando para a margem do asfalto, embaixo de uma árvore. A criança sussurra “Mama, mama”. A mulher suspira, levantando sua blusa e a criança pressiona a boca contra o seu peito. As pessoas olham fixamente e balançam a cabeça. Ela abaixa o olhar e olha os sapatos – tênis, sapatos de couro, tênis de lona, salto alto, sandálias, sapatilhas – calçados bonitos em que os pés sabem para onde vão. Ela protege o rosto da criança com uma mão: é melhor que ele não veja esses calçados, melhor ainda se ele esquecer onde estão. O cego clarividente lhe havia dito que eram tempos difíceis para eles, mas tudo melhoraria em três anos. “A estrela da sorte brilhará sobre o seu filho.” O homem levantou os olhos opacos. Ela pagou a ele cinco yuans e era tudo o que tinha – uma promessa de fortuna em três anos. Ela consegue produzir leite por tanto tempo? Se sentia boba. Precisava de cinco yuans para comida, não para uma fortuna que só viria daqui a três anos. Mas ainda assim, três anos é melhor que cinco ou dez, ou sorte alguma.

Ela veio para a cidade à procura do marido, de quem não tinha notícias desde que ele partiu depois do Festival da Primavera. Ela ligou para a empresa de construção em que ele trabalha; eles disseram que não o viam desde que foi embora para casa antes do festival. Ela foi à vila do clarividente, dando a ele o ano, mês, dia e horário de nascimento do marido e, como pagamento, um balde de sapos que seu filho ajudou a pegar. O velho virou as páginas frágeis de seu livro amarelo, escreveu quatro colunas de palavras com tinta e pincel, apertou os olhos para a página delicada mais uma vez e acenou com a cabeça negativamente: “Sua estrela de longevidade está obscurecida este ano. Vejo uma possível queda, um edifício alto e fermento sério ou fatal.” Ela prendeu a respiração. “Um prédio no Sul,” ele complementou, “na cidade onde ele constrói esses prédios altos.”

A mulher levou seu filho para a cidade. Ela encontrou a empresa de construção. Eles disseram a mesma coisa que haviam dito na ligação. Ela disse a eles o que o clarividente havia contado para ela. Eles pediram que ela fosse conversar com outras empresas de construção. Havia milhares delas na cidade, eles disseram, e seu marido poderia estar trabalhando para alguma delas agora. Ela e o filho vagavam pela cidade, olhando para os andaimes para ver se

ele estava lá. Era difícil dizer. Todos pareciam iguais dali debaixo – capacete, torso pequeno, um par de braços e pernas de boneca. Ela ficou com o filho à margem da rodovia esperando eles descerem. Perguntou a eles sobre o marido. Apenas acenaram em negação com a cabeça ou mencionaram outra empresa ou prédio em construção para ela verificar. À noite, ela e a criança dormiam atrás de arbustos do parque ou embaixo de viadutos. Ela não queria voltar para sua vila até que encontrasse o marido e o avisasse sobre a má sorte que chegava. Queria se certificar de que ele ia embora com eles, para onde não há nenhum edifício alto e inevitavelmente uma queda.

Ela não tinha dinheiro, então pedia. Tentava contar sua história às pessoas, mas elas a ignoravam. “Elas acham que estamos mentindo”, uma velha pedinte da mesma província disse a ela. “Elas não ligam para a gente, mas alguns podem sentir pena de criança. Faça seu filho vender flores. Talvez funcione.” Então ela pegou as rosas menos machucadas no lixo de uma floricultura e fez seu filho vender assim como outras crianças na rua – mas as pessoas também não sentem pena de crianças.

Ela manteve a produção de leite em tempos difíceis, tempos que ela sempre soube que chegariam. Os ombros da criança param de tremer. Os dedos dela soltam a rosa que repousa sobre o seu pé como sangue coagulado. Ela olha os andaimes do outro lado da rua e as pequenas figuras de construtores impressas no céu. Qualquer um deles pode ou poderia ter sido seu marido. Um passo em falso seria um passo para o nada, e se isso acontecesse, não seria possível nem mesmo ver o corpo.

Ela queria ter um lugar para onde ir, um lugar privado em que conseguiria deitar com a criança, fechar os olhos, aproveitar o momento de afeto entre eles, a sensação entorpecente se espalhando aos poucos pelo seu corpo. A qualquer momento ela vai fechar os olhos. Os sapatos, pernas e máquinas ao redor deles vão desaparecer. Ela e o filho irão se transformar em uma teia de aranha, escondidos em algum lugar no ar, até que tudo melhore para eles.

•

Um homem anda nessa direção. Ele vê a mãe e o filho na calçada embaixo de uma árvore. Retira o celular de sua pochete, para em frente a eles por um segundo, e tira uma foto. A mulher nem percebe, seus olhos baixos, seu peito quase exposto, de pele grossa e cor amarelada, como sua aparência. O menino obviamente é grande demais para isso: ele olha como se tentasse se enrolar nos braços dela, mas parte de suas pernas ainda escorrem sob a calçada. Somente no torpor de mamar com os olhos fechados ele se assemelha a um bebê.

O homem volta para o apartamento em que vive e faz macarrão instantâneo, sentando-se em frente ao computador. Recentemente iniciou um *blog* chamado *Olhar Crítico*, nome que ele não gosta muito e considera mudar para algo menos literal. Posta comentários sociais, frequentemente na forma de fotos que captura com o seu celular nas ruas. Apesar de não receber muitas visualizações, notou um aumento de percepções em sua rotina diária. Ele não é um

passante passivo, sua vida não se resume a um desfile longo de rotinas e um trabalho que organiza as horas em descanso, trabalho, vontades e gratificaçõeszinhas.

Agora congela momentos que acha provocativos, forma opiniões e as torna visíveis para quem quer que esteja navegando pelo *blog*. Às vezes, sentado em seu cubículo ou voltando para casa após o trabalho, sente que está simultaneamente habitando a cidade e vagando por um espaço não governado pela gravidade, no qual é tão livre quanto pode ser. Entretanto, quando publica em seu *blog*, suas fotos e palavras se tornam públicas, não consegue evitar se sentir inquieto, e com o coração descompassado, incerto se seus *posts* serão escrutinados e atacados.

Após postar a foto, ele comenta: “Estamos a uma década do século XXI e o nosso país está se tornando uma das potências mais fortes do mundo, e mesmo assim, aqui em nossa cidade, que alegamos ser uma metrópole de classe mundial, uma mulher está amamentando uma criança de cinco ou seis anos na rua como se estivessem em uma vila remota do século XIX. Por que isso está acontecendo?”

Ele clica em Postar e come o macarrão. Ia escrever algo simples, “Isso não é bom – amamentar uma criança tão grande em público,” mas pensou que ia ser muito simplista. Confere outros *blogs* e sites que gosta e volta para o próprio *blog* para verificar se tem algum comentário. Não há nenhum. Ele navega na internet mais um pouco e volta para verificar novamente. Nada. Nenhuma resposta é quase pior que uma resposta negativa. Ele pensou que seu *post* ia provocar: a foto chamaria atenção por si só e seu comentário geraria debate público.

Coloca seu computador em modo de hibernação e vai para a cama. Sonha com uma mulher deitada tão próxima a ele que conseguia sentir um calor ardente e uma eletricidade exalando do corpo dela. É a sua ex-namorada, que agora deve ter se tornado a esposa de alguém e talvez até seja mãe. Mas, de alguma forma, ela voltou para ele. Ela havia ficado com uma chave do apartamento dele? Entrou de forma sorrateira na ponta dos pés e deitou com ele? Gentilmente, ela segura a cabeça dele com uma mão e com a outra leva seu seio à sua boca. O seu pênis se avoluma, e enquanto a mão dela desliza para baixo, ele chupa seu mamilo e o leite escorre. A surpresa ao sentir o líquido em sua língua dura apenas um segundo, até que retorna à uma antiga euforia – ele sente como se estivesse voando para uma galáxia de estrelas ardentes, tornando-se parte de seu brilho e ordem, fervor e harmonia. Ao atingir o ápice, ele acorda. A ex-namorada não está com ele. Se vê sozinho em um pequeno e abafado quarto. O computador está na mesa como um grande sapo. As suas roupas imundas sujam o chão. O ar tem cheiro de sêmen, suor e cabelo oleoso. Em sua boca só há um hálito fedorento.

No entanto, ele ainda lembra do suave e delicioso leite em sua língua e do maravilhoso sentimento de voar e de ter paz. Fecha os olhos e tenta fazer com que a sensação daquela vida irreal volte a existir – a carne da sua ex-namorada colada com a dele, seus seios pulsantes em frente ao seu rosto. Ele abre a boca, fecha os lábios ao redor do mamilo, onde o elixir irá verter em direção à sua boca seca.

•

Uma mulher navegando na internet encontra a foto no *blog* do homem. Ela já viveu naquela cidade; agora vive no exterior. Desde que se tornou mãe, já desejou estar lá e não aqui – além disso, teria pelo menos alguém com quem conversar em sua língua nativa, outra mãe criando uma criança. O menino sendo amamentado na foto é muito maior que o seu filho, que finalmente dormiu em seu colo. Ela o está desmamando. Ela amamentou por oito meses, e sofreu com mamilos rachados, ductos entupidos, e crises de mastite. Porém, a procura do filho por seus peitos ainda não diminuiu. Ele quer mamar antes de dormir, antes da soneca, depois de dormir, depois da soneca, no meio do sono e da soneca, e durante outras atividades. Agarra os peitos dela como se pertencessem a ele. Ela quer seu corpo de volta. Deseja uma comida apimentada e chá com cafeína, quer usar vestidos, não sutiãs de amamentação e absorventes para o peito. Quer o corpo de volta para ser tocada pelo marido, e quando isso acontecer, não quer que de seus seios vaze leite.

O marido não está em casa de novo. Tenho um trabalho para terminar, disse ele ao telefone. Quando ele vem para casa, dorme no sofá da sala, diz que precisa dormir para poder ir trabalhar e sustentar a família. No início, ela se adaptou a isso, quando gostava de se aconchegar com seu filho sozinha na cama grande, seu corpo deixando voluntariamente um jato de leite escorrer na sua boca, como se sua ingestão fosse também a ingestão dela, uma doação completa que se funde no ato de dar o peito. Estavam presos em um ciclo de troca, formando um círculo sem início ou fim para permitir a entrada de outra pessoa. Quando seu marido a tocava, ela se afastava pela invasão. Quando ele segurava o bebê, o bebê logo gritava por ela. Cada vez mais, o marido passava menos tempo com eles.

Quando ela pede a ele para trocar a fralda do bebê, dar banho ou levar para passear, “porque é seu filho também,” ele se irrita. Ele se atrapalha com a fralda que fica solta e o cocô vaza e ela tem que lavar o bebê. As caminhadas que tem com o bebê são curtas, “porque ele ficou gritando o tempo inteiro e as pessoas pensavam que eu sequestrai ele.” Uma vez, ela o pegou segurando o bebê de cabeça para baixo, pendurado na frente de suas pernas, cabeçudo como um sapo, com sangue na cara inchada, assustado ou tenso demais para soltar um som. Ela tinha acabado de terminar seu banho semanal e instintivamente sabia que precisava ser gentil. Ela se agachou para pegar a cabeça do bebê e o acalmou em seus braços, grudando seu rosto ofendido em seu peito molhado. “Já chega!”, ela disse ao marido, reprimindo a vontade de gritar “Sai daqui!”

Talvez a culpa seja dela – ela que o afastou. E é tudo culpa dela, incluindo o fato de que o bebê esteja viciado no leite dela. Não foi ela quem deu o peito a ele quando queria que voltasse a dormir para que ela dormisse mais, quando queria tirar uma soneca e ela queria descansar, quando estava irritado e ela queria um pouco de paz? Ela vem desmamando ele há semanas, aos poucos diminuindo as sessões, primeiro de dia, e depois à noite. Agora eles chegaram à última e mais difícil sessão – da que depende para dormir à noite. Mais cedo,

ele lutou com ela, alcançando seu peito, e quando empurrado para longe, alcançou novamente. Ele berrou e choramingou. Ela enfiou bolas de algodão nos ouvidos. Embalou, cantou, gritou e deu palmadinhas nele, até que ele finalmente dormiu de exaustão.

Ela está navegando pela internet porque não há mais nada o que fazer agora. Tem muito a ser feito – lavar a louça, pegar os brinquedos, a roupa suja precisa ser lavada, mas ela tem medo de que, se ela se mover, a criança acorde e precise mamar novamente. A batalha se repetiria e ela está cansada demais para isso. E sabe que seus peitos encheriam logo. Precisaria ir à pia do banheiro e esguichar o leite fora em vez de dar ao seu filho que deseja tanto, e que não consegue entender por que sua mãe está negando a ele aquilo que ela sempre ofereceu em abundância.

Ela vê a foto de sua compatriota amamentando o filho grande na rua na cidade onde vivia, e o calor salta-lhe aos olhos antes que percebesse. Ela olha o seu bebê: os lábios abertos como um peixe fora d'água; as pálpebras azuladas tremem como se houvesse uma tempestade embaixo. Ela o segura em frente ao seu rosto, chorando o mais silenciosamente possível. Mas a criança acorda, olha para ela, alarmada. Ele alcança seus pequenos dedos nas bochechas dela, como se tentasse descobrir através do toque o que ela realmente está fazendo. Deve ser uma expressão que ele não conhecia antes, mesmo que ele a tenha feito diversas vezes em seu um ano e meio de vida. Ele a encara. Ele mesmo está a ponto de chorar, seu rostinho já dobrando naqueles vincos familiares. Ela tenta se conter, limpando os olhos. “Eu estou bem,” ela diz. “Eu estou bem.” Mas continua trêmula. Seu peito está enchendo. A criança sente o cheiro e levanta a boca perto do peito, mas hesita, analisa o rosto da mãe, com medo de que ela o afaste de novo. O choro dela deve ter algo a ver com isso. Ele está fazendo a conexão. Mas tudo isso é demais para ele. O rosto tristonho se eleva até o peito dela. “Mama, mama,” ele implora.

REFERÊNCIAS

VIVAS, Esther. *Mamãe desobediente: um olhar feminista sobre a maternidade*. Tradução: Claudio Cruz, Luciana Carvalho, Marina Waquil e Sandra Navarro. São Paulo: Timo, 2021.

YE, Chun. Milk. *Hao*. Nova York: Catapult, 2021. pp. 56-63.